

Lugar de representação: uma perspectiva descolonial

Debate ou discussão em teoria social
GT06 - Imaginários sociais, memórias e pós-colonialidade
Autor: José Jaime Freitas Macedo/UNIVASF

Resumo

Entendo o lugar de representação como um território simbólico e presente das lutas sociais. É o espaço da construção identitária e é, também, um portal para as pontes multidimensionais que ligam uns lugares de representação a outros. Eles, neste aspecto, são os vetores que canalizam as relações conflituais, de articulação, de negociação, de tensão, de acordos entre os diversos grupos humanos e, também, entre as pessoas. Estes lugares de representação ao mesmo tempo em que são os *loci* onde as identidades descoloniais se configuram e a partir de onde se representam, também são configurados/construídos por estas identidades. É um duplo movimento que está enroscado em si próprio, tal qual uma corda trançada ou como um *Buraco de Minhoca* interdimensional.
Palavras chave: lugar de representação, identidades, descolonialidade.

Este trabalho continua as leituras feitas no trabalho apresentado no GT06 - Imaginários Sociais, Memórias e Pós-colonialidade, do XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL da ALAS, ocorrido de 6 a 11 de setembro de 2011, na UFPE, em Recife-PE/Brasil, com o título: Pós-Colonialidade: Crítica da Modernidade ou emergência de múltiplos lugares de fala? Ele é ainda resultado das indagações pessoais sobre o que representam o discurso e o lugar descolonial. Ele também continua a derivar dos novos questionamentos acerca destes e de outros aspectos correlatos trazidos à discussão por colegas, estudantes e colaboradores. Além disso, é fruto do diálogo com os textos que discutem estas questões e que, ao longo de treze anos, me puseram em contato com este campo discursivo. Sou tributário, ainda, das questões que emergiram sobre estes temas em pesquisas, aulas e debates das quais participei quer fosse como professor, pesquisador e/ou debatedor. Por óbvio, este texto não foi construído, nem está construindo nada que tenha a pretensão de ser definitivo até porque uma leitura deste tipo contraditaria a perspectiva discursiva descolonial. Nem, tampouco, este trabalho quer responder a coisa alguma pelo mesmo motivo, interessa-me antes provocar, estimular e propor caminhos teóricos e práticos falam e se representam a partir de um lugar que se reconhece como descolonial, sendo coerente com aquilo que se propõe ser este campo discursivo.

Lugar de representação: conceituação

Homi Bhabha trouxe a perspectiva teórica do *terceiro espaço de enunciação* para falar da insurgência e Walter D. Mignolo trabalha com o *lugar de fala* para tratar da construção do discurso pós-colonial. Trago o conceito de *lugar de representação*, pois compreendo este ser necessário para traduzir um conjunto complexo de articulações e tensões que representam alguns dos eixos da Teoria Descolonial.

Entendo o lugar de representação como um território simbólico e presente das lutas sociais. É, dentro do campo teórico descolonial, o espaço da construção identitária e é, também, um portal para as pontes multidimensionais que ligam uns lugares de representação a outros. Eles, neste aspecto, são os vetores que canalizam as relações conflituais, de articulação, de negociação, de tensão, de acordos entre os diversos grupos humanos e, também, entre as pessoas. Estes lugares de representação ao mesmo tempo em que são os *loci* onde as identidades descoloniais se configuram e a partir de onde se

representam, também são configurados/construídos por estas identidades. É um duplo movimento que está enroscado em si próprio, tal qual uma corda trançada ou como um *Buraco de Minhoca* interdimensional. Some-se a isto que as identidades na leitura teórica descolonial não são expressão de uma verdade subordinadora ou revolucionária. Elas se constituem como expressão do auto-reconhecimento, da autoconsciência pessoal ou grupal com todas possibilidades que daí emergem. Assim, o conceito *lugar de representação* representa, no melhor estilo teórico descolonial, o lugar da gênese do discurso da descolonialidade e a este mesmo no seu processo de desenvolvimento.

A perspectiva descolonial do *lugar de representação* constrói discursos identitários que são afirmativos e autocentrados, mas que não tem parentesco com a lógica discursiva da Modernidade. Não é a certeza identitária moderna que da sua perspectiva localizadora anestesia e subordina os conflitos e os submete a uma relação centro-periferia. Aqui é a lógica conflitual que constrói os discursos identitários. Não é o discurso afirmador sobre o Outro, mas a leitura Nossa, sobre nós mesmos. Eu sei aquilo que sou, não por negar qualquer coisa, mas por me entender assim. As Identidades Descoloniais trabalham numa lógica de tradução, aqui entendida como sendo esta leitura sobre si mesmo. Eu me traduzo como me entendo. Não peço licença a ninguém para ter uma visão sobre mim. Eu me traduzo a partir de um Lugar de representação que é fruto desta tradução.

Identidades e lugar de representação

As identidades na perspectiva descolonial são construídas como sendo este *lugar de representação*. É neste processo que ao se autoreconhecerem os grupos sociais e as pessoas vão criando um conjunto de elementos representativos, e estes elementos vão moldando uma leitura específica de mundo, e este processo vai num duplo movimento reforçando a identidade nascente e este conjunto de elementos representativos passa a ser convalidado pelo discurso (aqui sempre entendido e utilizado como a articulação entre ato e fala) identitário que neste processo vai se constituindo. Este é o *lugar de representação*. Ao mesmo tempo, o discurso identitário descolonial não concebe o processo de articulação como uma lógica de engessamento, mas como a possibilidade do contato gerador de conflitos, tensões, contradições, negociações, relações/processos sociais. O lugar de representação é o espaço de construção destas identidades que não ficam imobilizadas, nem localizadas, nem fluidas, nem transitórias, nem subordinadas. O sujeito moderno, síntese do ideário da unidade do Homem, perde o sentido no discurso descolonial. Este Homem Uno, Senhor da Criação, não existe. Nem, tampouco, Uma Humanidade.

Existem seres humanos, com diferentes representações de humanidade. Também não estou tratando das diferenças excludentes colonialista, nem pós-moderna que localizam e subordinam as pessoas e grupos tanto quanto o discurso da Modernidade e que tornam invisível um sujeito hegemônico, preservando-o nesta condição através deste processo de invisibilização. As diferenças descoloniais trazem a marca das identidades autoreferenciadas e afirmadas, construídas a partir de um lugar de representação que lhes é próprio. Aqui explicita-se a tensão, o conflito e a contradição como essências formadoras dos processos sociais, das identidades.

As identidades descoloniais não são representadas como fragmentos de um todo. No discurso descolonial esta unidade não existe. Em cada pessoa existem múltiplas posições identitárias, porque o lugar de representação, como espaço multidimensional que é, não é unívoco, nem linear ou portador de uma Verdade, ou mesmo, de pequenas verdades. Isto produz conflitos e contradições nas atitudes das pessoas e dos grupos. Entretanto, esta múltiplas perspectivas de identidade são as pontes que articulam os deferentes lugares de representação dentro de cada pessoa e entre os diversos grupos de interesse. Ao invés, de fragmentar e pulverizar, estas perspectivas múltiplas de identidades são o fator de construção dos *buracos de minhoca sociais* entre as diversas possibilidades de lugares de

representação. Os lugares de representação são o ponto de entrada destas estradas interdimensionais, intersocietais, interdisciplinares.

Articulo o conceito do lugar de representação com as Pontes de Einstein-Rosen (conhecidas popularmente como Buracos de Minhoca), mas esta leitura emergiu de um conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, *El Aleph*, que fala de uma singularidade num sótão de uma casa velha em Buenos Aires, a partir do qual se podia ver todas as ruas e todas as pessoas do mundo. Vou aprofundar esta discussão para explicitar melhor aquilo que digo.

Com o advento da Modernidade surge a Física Newtoniana que explicava racionalmente o mundo a partir das três dimensões clássicas. O Plano Cartesiano é a regra. Com ele se localiza qualquer ponto no espaço tridimensional. Esta perspectiva é assimilada como central pelo discurso da Modernidade no sentido de construção de identidades e exclusão. Ao fixar, subordina. Ao localizar, exclui. Dando um salto no tempo e nas concepções teóricas, a Física Relativística pode ser vista como uma ponte referencial para a Pós-modernidade construir a sua leitura de deslocamento identitário e de fronteiras. O Princípio da Incerteza de Heisenberg diz que um elétron não pode ser localizado precisamente no entorno do núcleo atômico. O átomo como era pensado anteriormente com suas órbitas de elétrons precisas cede lugar ao núcleo cercado por uma nuvem de elétrons.

Assim, transplantando esta leitura para o campo social temos que as identidades não são, de acordo com o discurso pós-moderno, mais fixas e flutuam, deslocando-se nas margens e nas fronteiras. Por outro lado, o campo que contém a perspectiva teórica descolonial tem o reforço teórico da Teoria Multidimensional que, partindo da Física Relativística, aprofunda a interpretação do Universo e identifica onze dimensões que se interconectam das mais variadas formas e que permitem transitar entre as dimensões através de estruturas como os *buracos de minhoca* que são uma espécie de túnel dimensional que ligaria diferentes partes do Universo permitindo romper as dimensões de espaço e tempo vistas na sua forma clássica.

Apesar de ser uma ficção, o *Aleph* borgiano pode ser interpretado como uma destas estruturas que rompe com as antigas relações com o mundo e que é aproveitado na interpretação dos fenômenos sociais para explicar a ruptura com a perspectiva de subordinação e com as ideias de centro e de periferia. Aqui o *lugar de representação* de cada um pode abarcar todo o Universo ao mesmo tempo que interconecta-se com vários outros lugares de representação das mais variadas maneiras, quer sejam pelo acordo, pelo conflito, pela tensão ou por quaisquer outras.

Se na Física a forma de enxergar o *Aleph* está relacionada à posição dimensional que o observador toma, nas Ciências Sociais, tomando a perspectiva teórica do Campo Discursivo da Descolonialidade, o modo como é interpretada e representada uma identidade construída a partir da perspectiva da *singularidade alephiana* está relacionada às posições discursivas. Na Física existe a interpretação que explica o fato de que seres pertencentes a um espaço com menor quantidade de vetores dimensionais não conseguem perceber as outras dimensões que têm mais vetores dimensionais que a sua. Assim, um ser que está capacitado a perceber apenas três dimensões não consegue enxergar as dimensões que se seguem ou um ser bidimensional não consegue enxergar a terceira dimensão e as posteriores. Não se pode trazer esta condição de limitação e/ou de incapacidade natural para a leitura das Ciências Sociais. A relação aqui está para a construção de discursos que produzem perspectivas que condicionam a percepção dos processos sociais de uma determinada maneira. Entretanto, nem este processo pode ser visto como um fenômeno natural, nem como algo irreversível ou que não possa ser desconstruído. Isto nos leva a discutir os conceitos de lugar, lugar de representação, posicionamento discursivo e fronteiras dentro da perspectiva da Teoria Descolonial com a qual trabalho.

Lugar, lugares

O conceito de lugar ganhou várias interpretações a depender da corrente teórica a qual foi traduzido. Para o discurso da Modernidade o lugar localizado espacialmente. Este lugar é, então, uma afirmação verdadeira da condição de um grupo. Não há trânsito identitário, não há fluidez, não há deslocamento, não há possibilidade de mudança, de ruptura social.

No discurso marxista a grande diferença em relação à Teoria da Modernidade, apesar deste ser tributário a esta leitura de mundo, é com a mudança e o conflito. O marxismo vê a possibilidade da ruptura da Ordem Social e, portanto, da mudança de posições sociais. Deste ponto de vista, o lugar social de um grupo muda, mas apenas em momentos de ruptura social, ou seja, nos processos revolucionários. Para as pessoas a possibilidade de mudança é mais constante, todavia, esta mudança dá-se mais ao nível da renda do que da condição de classe. Esta é uma longa polêmica dentro do campo marxista e que escapa um pouco aos objetivos deste trabalho e bastante ao seu espaço.

A leitura pós-moderna traduz o lugar como a possibilidade da representação. Não é mais a explicação do mundo como ele é. Aqui se tratam das pequenas verdades, pois este campo discursivo compreende que não há como chegar a uma compreensão do todo. Desta maneira, o lugar pós-moderno não permite a existência de identidades fixas e a fluidez, o descentramento e o trânsito identitário são a regra. Isto acaba por jogar o discurso pós-moderno numa armadilha teórica da Modernidade, pois ao negar a possibilidade da afirmação identitária para os grupos sociais este discurso bloqueia o confronto de representações identitárias dos diversos grupos entre si, mas especialmente em relação ao campo hegemônico da sociedade. Com isto, os discursos identitários hegemônicos permanecem invisibilizados e hegemônicos. Os outros discursos identitários permanecem tão somente invisibilizados e com possibilidades reduzidas de romper o bloqueio de poder.

Entendo ser este processo de tradução do mundo a partir de uma perspectiva multidimensional, a que chamo de lugar de representação, um desenvolvimento teórico e social que não pertence a nenhuma área específica do conhecimento, mas que é um *processo* que devido a sua complexidade rompe com as barreiras disciplinares porque permite um olhar diferenciado sobre o mundo. Esta construção discursiva é, em si, uma forma de singularidade, de buraco de minhoca, pois traz na sua configuração a articulação umbilical entre *ato e fala, ou seja, é uma perspectiva discursiva em si mesma*.

Compreendo que para a Teoria Descolonial o lugar de representação se configura numa chave teórica que permite traduzir as multiplicidades de processos inseridos nas relações sociais e na construção das identidades. Em suma, o lugar descolonial pode ser traduzido como o lugar de representação.

Memória, fronteira e representação

A memória tem um peso importante nesta discussão. As memórias trazem sempre o tempo já vivido que o Discurso da Modernidade reconhece como sendo um tempo passado e morto. Na Teoria Descolonial não há um passado neste sentido. O vivido retorna a todo momento recriado, ressignificado pela memória que, ao reelabora-lo, o revive e o recoloca no jogo. Não é a perspectiva linear do tempo moderno, nem o eterno presente pós-moderno. São as ancestralidades sempre presentes, são as memórias vivas que agem a todo momento e interferem nos processos sociais. Esta articulação é tensa, conflitante e dinâmica. Os processos sociais podem ser lidos então como movimentos destas articulações da mesma forma que a temporalidade descolonial pode ser vista como tradução dos processos sociais. Novamente o entrelaçamento interdimensional se explicita. Isto nos remete à leitura que as memórias são discursos liminares, sempre na fronteira.

A ideia do *Aleph* não está descasada do próprio processo de mudança paradigmática que retira do centro da discussão nas Ciências Sociais a certeza, a unidade dos conflitos e a identidade dos agentes centrada na estrutura social para discutir o pensamento liminar, o trânsito, as fronteiras e a multiplicidade de posições assumidas por pessoas e grupos dentro do processo social. Entretanto, este conceito aponta para uma ideia de multidimensionalidade e multiplicidade de posições que não descarta o posicionamento, ao contrário, afirma a possibilidade de, partindo de uma perspectiva multiposicional, a partir das margens, fixar um lugar de fala que pode abarcar todos os possíveis posicionamentos discursivos. Isto significa que o *Aleph* e a *Teoria Descolonial* representam uma mudança paradigmática e que, desta forma, falar em discurso, não significa descobrir algo novo, mas ter uma percepção diferenciada de processos que estão acontecendo. A quarta dimensão e a complexificação das relações sociais que resultou no trânsito de posições identitárias não foram coisas inventadas. Ambas foram estudadas na medida do possível e traduzidas teoricamente. O *Aleph* representa a possibilidade de se saltar por sobre uma lógica polarizadora de centro/periferia, para chegarmos a uma perspectiva discursiva que trabalha com possibilidade de construir leituras discursivas de *qualquer lugar* produzindo, assim, *lugares de representação*, que são as posições a partir de onde construímos as nossas identidades e de onde nos relacionamos dialogicamente com o mundo.

Discursos e representação

O posicionamento discursivo descolonial representa desta maneira, uma articulação entre as múltiplas tensões identitárias que grupos e pessoas carregam dentro de si. Estas tensões não estão ali para serem resolvidas na lógica descolonial. Elas são, em essência, o motor que impulsiona a formação e identitária e o contato social.

Chamando o lugar de representação para esta questão temos que este não é uma outorga. Ninguém pode estabelecer um lugar de representação para uma outra pessoa ou grupo. Ele somente se constitui como posicionamento discursivo construído por aquele que se expressa. Daí que, o lugar de fala está muito mais próximo dos Estudos da Subalternidade de Homi Bhabha ou da Teoria da Pós-colonialidade de Mignolo, Enrique Dussel e Anibal Quijano, do que de outros referenciais teóricos, uma vez que estes discursos teóricos são construídos, justamente, a partir dos posicionamentos assumidos por representantes de discursos contra-hegemônicos em face ao discurso hegemônico do sistema mundial colonial/moderno.

Para Mignolo (2003), a noção de pensamento liminar ou de gnose liminar é aquela que trabalha o discurso do sujeito que vive a condição de colonialidade como um discurso de subalternidade e, portanto, como um discurso de ruptura com o pensamento ocidental, pois não mais se contrapõe a este de dentro do arcabouço conceitual ocidental, mas das suas margens, dos lugares onde o pensamento ocidental se encontra com outras formas de pensamento e disputa com estas a possibilidade de representar o mundo. A discussão conceitual sobre *gnose* (Mignolo, 2003: 30-36) que Mignolo traz é central para este trabalho porque abre um olhar acerca da construção dos discursos, o que permite sair da camisa de força do discurso científico hegemônico – centrado no padrão racionalista, epistemológico e hermenêutico – passando a uma leitura de todas as formas de saber em condição de equivalência e, assim, abrindo o campo de disputa entre os diversos discursos que representam cada forma de saber. O pensamento discursivo que emerge desses dois conceitos está centrado na perspectiva de falar de um lugar autônomo e que não está numa condição subordinada e periférica. Ao construir identidades e projetos nacionais, falar de uma posição como esta é extremamente significativa porque permite-nos interpelar aqueles com os quais disputamos poder numa posição que não é de pedinte ou de devedor, mas na condição de proponente, de quem tem projetos e quer viabilizá-los.

Para o Campo Discursivo da Descolonialidade esta leitura se exprime na percepção e a construção discursiva do lugar de onde se representa, que no discurso descolonial significa um duplo movimento, para dentro e para fora, que é e abarca, ao mesmo tempo, a perspectiva de ser centro e periferia. Este par binomial não faz sentido numa construção discursiva que não é linear, evolutiva, excludente ou determinista. A construção discursiva multidimensional que emerge neste discurso não se propõe a ser centro ou periferia, não fica aprisionada nestes contextos. Aquele que fala tem de se identificar com a sua origem de representação. Se ele tem a sua construção identitária a partir do marco étnico e espacial, o seu discurso vai demarcar este conjunto de representações como a sua base identitária. O seu discurso identitário parte das representações que esta pessoa ou grupo faz de si mesmo. Identidade e lugar de fala se articulam e se confundem nessa construção discursiva, que é o lugar de representação.

A Teoria da Descolonialidade avança na discussão sobre as identidades e a construção do outro porque, justamente, supera esta visão outrocizante e afirma sujeitos de fala e de ação que se colocam não somente como interlocutores, mas como artífices de sua história, buscando tudo aquilo que querem e desejam. Este trabalho reafirmou a minha convicção sobre a pertinência de utilizar a Teoria da Descolonialidade para analisar as sociedades americanas. Nenhum outro discurso consegue exprimir com tanta propriedade as contradições, os conflitos e as disputas dentro dessas sociedades. Os discursos da Modernidade e da Pós-modernidade, conforme já afirmei, não se diferenciam essencialmente quando a questão é a exclusão e/ou subordinação do Outro. Eles sempre representarão a perspectiva eurocêntrica de poder. Este é o *lugar de representação* destes discursos.

Através dos processos sócio-políticos ocorridos na história do Continente Americano, este tornou-se síntese de todos os outros e de todos os povos. Mireya Suarez aborda essa leitura¹ e faz a relação da mesma com a interpretação e, ao mesmo tempo, representação d' *o Aleph*, que originalmente é a primeira letra dos alfabetos hebreu e árabe, feita por Jorge Luís Borges. Segundo Suarez, assim como *o Aleph*, o Continente Americano pode ser traduzido como um ponto de confluência e de síntese. Este continente seria a condensação das formações sociais num ponto que tudo concentra e que, ao mesmo tempo, é descentrado. O Aleph não é o centro, mas nele tudo cabe, a tudo enxerga-se e pode-se chegar a qualquer lugar. Com isso, nesse campo de possibilidades, tudo e nada podem caber.

Completo dizendo que o *Aleph borgiano* é uma ótima representação de um *lugar de representação*. E que a tradução de Suarez sobre o Continente Americano nos permite trabalhar esta perspectiva teórica em termos práticos. Agrego à leitura de Suarez, relativa à transposição de significado para as Américas do Aleph borgiano, a interpretação de que este conceito tem a possibilidade de representar a ideia de pontes que podem ser expressas já na sua significação primeira como letra inicial de dois alfabetos que, ao mesmo tempo, articulam e separam Ocidente e Oriente: o árabe e o hebraico. Entretanto, essa interpretação sobre o Aleph não precisa parar por aí. Podemos continuar a fazer exarações. O Continente Americano pode em si ser visto como uma ponte entre inúmeras coisas e significados, tais como: passado e futuro; Ocidente e Oriente; centro e margens; identidades e diferenças. Por outro ângulo, a perspectiva do pensamento liminar que atua na margem e que, falando a partir das Américas, não se sente nem dentro nem fora do discurso ocidental moderno pode ser traduzida pela representação de uma ponte que, dialética e dialogicamente, une e separa, representa e distancia.

As Américas são construção colonial. Seu nome não é tradução para este espaço feita pelos povos autóctones. Estes foram, em muitos casos, exterminados ou quase dizimados. Os povos atuais e os diversos grupos humanos dentro destes povos têm inúmeras leituras sobre o que significa este nome hoje. As Américas hoje representam as mais variadas identidades e representam para cada uma destas identidades os mais diferentes conceitos. Mas cada um fala da Sua América. O que é ser Americano?

¹ Professora da Universidade de Brasília, foi minha orientadora de tese e trabalhou esta perspectiva em suas leituras realizadas no grupo de pesquisa Identidades e Fronteiras do CEPPAC – Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas – em 2004/2005.

Diversos grupos se apropriaram deste vasto território. As Américas como unidade são múltiplas invenções. Os povos que conquistaram este Continente tiveram propostas para este território que foram desconstruídas por outras lógicas que lhes sucederam. De quem são as Américas? As Américas são várias representações. O que os negros, que como nos fala Paul Gilroy, no seu *Atlântico Negro*, se fizeram negros nas Américas, que construíram inúmeras representações de si e do espaço em que vivem que reconfiguraram aquilo que chamamos hoje de Américas, Brasil, Caribe e Estados Unidos, por exemplo, são tributários disto, entendem por Américas? Como se representam dentro deste contexto? As memórias das Américas são múltiplas e estão o tempo todo em disputa. A Revolução Haitiana, que foi talvez o evento mais importante dos últimos quinhentos anos para o Continente Americano, desapareceu do discurso da História por muito tempo. Entretanto, a memória desta tem retornado com força nas últimas décadas. Quantas memórias mais disputam espaço, representação e poder sobre tantas coisas nas Américas?

Nesta perspectiva teórica as Américas não representam no seu conjunto o centro do sistema mundial colonial/moderno, mas o contém. São periféricas e, ao mesmo tempo, de dentro porque são vistas como o futuro do Velho Mundo. Os discursos da descolonialidade, da subalternidade, da Modernidade e da Pós-modernidade podem reivindicar para si a possibilidade de representar e interpretar as Américas. O continente pode ser visto como o lugar do futuro do discurso moderno, o lugar do fluxo e do transito do pensamento pós-moderno ou como o lugar do pensamento liminar, da diferença colonial e dos saberes subalternos da leitura subalterna/descolonial. Em todas estas perspectivas as Américas são tratadas como sendo *o lugar*, o local por excelência que cada fenômeno se daria. Por óbvio, que na perspectiva teórica descolonial não há um caminho para o Continente Americano e para os povos deste. O discurso descolonial vai trabalhar muito mais com a possibilidade de ruptura epistêmica de cada um destes povos com as formas de subordinação e não do coletivo. Isto porque são múltiplos lugares de representação e eles podem caminhar juntos, ou não.

O desenvolvimento de estudos descoloniais nas Américas, especialmente na América do Sul já é há muito uma realidade. Inúmeros autores trabalham com esta leitura teórica por aqui. O maior desafio para as Ciências Sociais da nossa região com perspectiva descolonial talvez seja produzir as pontes multidimensionais deste nosso lugar de representação. De um lado, tomar a os espaços de representação e falar autonomamente para fora das nossas fronteiras. De outro, dialogicamente relacionar-se com os discursos não-acadêmicos que existem na nossa região.

Conforme já dizia em 2011, no meu outro trabalho apresentado no XXVIII Congresso da ALAS, em Recife, vivemos a necessidade da descolonização cultural no campo das Ciências Sociais. Se hoje existem diversos grupos de pesquisa com leituras teóricas pós-coloniais/descoloniais ainda temos uma forte vinculação com um pensamento colonizado que nos atrapalha em produzir e aceitar produções locais que trabalhem na direção de uma ruptura com teorias de subordinação. Olhamos muito fortemente em direção àquilo que nos foi vendido como o centro global, em todos os aspectos, inclusive no campo científico. Nosso pensamento colonizado quer se equiparar a este centro global. Não percebemos que a proposta disruptiva não é de equiparação, mas reconhecimento de nós mesmos. Se fazemos o discurso pós-colonial crítico e ao primeiro olhar de atenção do centro às nossas falas e ações nos sentimos 'contemplados', estamos produzindo/reforçando nossa subordinação.

A representação discursiva pós-colonial/descolonial tem como eixo central a desconstrução discursiva dos discursos de subordinação. Este processo se constrói com uma explicitação da diferença colonial e dos mecanismos de produção desta. Antes de tudo há que se abandonar a postura reativa e defensiva freqüentemente assumida pela sociologia e tomar a radicalidade do discurso pós-colonial, antigeneralizante, anti-*establishment* e “ameaçador” do modernismo sociológico não em seus termos, mas como estratégia performática de construção de novos espaços institucionais. Interessa atravessar a bruma retórica, de sorte a identificar quais são, efetivamente, os impulsos novos que os estudos pós-coloniais podem trazer para a sociologia. Ou seja, na medida em que pleiteiam alguma forma de

ressonância acadêmica, os estudos descoloniais não têm como se furtar ao aprofundamento da interlocução com marcos que disputam o mesmo terreno teórico, abandonando, assim, a postura anti-*establishment*. Essa tarefa permanece ainda irrealizada.

Bibliografia

BHABHA, Homi K. (1998) **O local da cultura**. Trad. Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG;

BORGES, Jorge Luis.(2008) **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras;

DUSSEL, Enrique (1995) **1492: El encubrimiento del otro. Hacia el origen del mito de la modernidad** Madri: Nueva Utopía;

ELIAS, Norbert.(1997) **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores;

GILROY, Paul.(2001) **O Atlântico Negro**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCAM;

MACEDO, José Jaime Freitas. (2011, setembro). **Pós-Colonialidade: Crítica da Modernidade ou emergência de múltiplos lugares de fala?** Grupo de Trabalho: GT06 - Imaginários sociais, memórias e pós-colonialidade. Grupo de trabalho componente do XXVIII Congresso Internacional da ALAS, Recife/PE, Brasil;

MIGNOLO, Walter. (2003) **Histórias Locais, Projetos Globais**. Editora UFMG;

QUIJANO, Anibal. (2005, setembro) **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. *Edgardo Lander (org)*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. pp.227-278.